

PATAGÔNIA de sobrenome VALDÉS

Pouquíssimos brasileiros a conhecem. Que pecado!

Um recanto mágico, selvagem e preservado, que proporciona safáris oceânicos singulares para colocar o visitante frente a frente com animais soberbos

Por Carlos Marcondes



Geleiras! Essa é a imagem meio automática que temos quando pensamos em Patagônia argentina. Culpa talvez da impressionante Perito Moreno, que, sem dúvida, deve ser visitada. Mas a Patagônia é imensa e abraça, só do lado argentino, cinco províncias, entre elas Chubut onde quem reina é a Península Valdés e suas baías repletas de vida.

O acesso mais direto é voando por cerca de duas horas de Buenos Aires às cidades de Trelew ou Puerto Madryn, esta última, o principal balneário turístico da Patagônia, com suas praias lotadas durante o verão. É também a base para explorar os cantinhos de Valdés. As atrações imperdíveis estão de 30 minutos a três horas de carro. Se bem que, em agosto – o melhor mês para avistar as doces baleias franca-austral –, basta sentar à beira-mar, tomar o popular mate e apreciar o bailado dessas gigantes do mar.

Quase junto, e pouco misturado

O grande desafio da Península Valdés é programar a viagem de acordo com o relógio da natureza. Esse canto do Atlântico é santuário que reúne baleias, orcas, pinguins, focas-elefantes e leões-marininhos – cada espécie tem a sua temporada, algumas coincidem, outras quase não se cruzam, e você sentirá que será preciso voltar se quiser viver tudo de forma intensa (veja as datas no quadro).

A primeira região a ser explorada é Punta Ninfá, rumo à gigantesca propriedade de 9 mil hectares onde encontrase o hotel de campo El Pedral. Isolado, em quase duas horas de estrada de chão, cruzamos apenas com dois carros. Perfeito para desconectar da sociedade. Poucos quilômetros antes de chegarmos à propriedade, paramos em um penhasco de onde se avista na praia as primeiras focas-elefantes, a maior da espécie.

Ana, a experiente guia brasileira que vive há 48 anos na Patagônia, lembra que Valdés é o único canto no planeta onde encontram-se esses impressionantes animais na área continental. “Acreditamos que o formato da península os deixou confusos, e eles sentem a segurança de uma



ilha para ter seus filhotes e amamentá-los nos primeiros meses”, comenta.

Esses animais mergulham até 1.400 metros de profundidade suportando duas horas em apneia. Os machos gigantes (até 4 toneladas) chegam em agosto e as fêmeas (quatro vezes menores) em setembro para procriarem. Os dominantes não têm vida fácil, precisam cuidar de até 80 fêmeas de seu harém particular! A cada ano, quase 10 mil focas nascem nessa costa, sendo a única colônia em crescimento no mundo.

Depois da parada para ver as focas, a viagem segue até a pousada El Pedral, aberta em um edifício histórico com quase 100 anos, o que para os padrões patagônicos é algo bem antigo. Puerto »

1. Hotel El Faro
2. Pinguinera de Magalhães

**ALIQUIDIS ADI
OCCUSAERE CON
CONSEQU IDUSAE
SEQUI OCCUS IUNT
OMMOLOREPRO**

Madryn, por exemplo, tem apenas 152 anos.

A estância é charmosa, convidativa e oferece aos visitantes que fazem um passeio de um dia um almoço típico, com o cordeiro patagônico assado na espada de ferro. Antes, porém, acontece a caminhada guiada mais esperada: a ida a Pinguinera Reserva El Pedral. Um santuário criado pela família que controla o hotel, pioneira no projeto de preservação iniciado em 2008 com apenas 28 pinguins-de-magalhães. Hoje, existem mais de 7 mil aves nos meses de janeiro e fevereiro, quando há a maior concentração. Nessa época forma-se um cenário inesquecível – a praia deserta e de azul intenso se transforma em um balneário em preto e branco, forrado de simpáticos bicudos nadadores.

Mas se estar ao lado de 7 mil já é uma dádiva da natureza, o que dizer de 600 mil, na maior Pinguinera de Magalhães do mundo, com mais da metade da população dessa espécie. É preciso esticar até o extremo da península, na parte mais afastada do continente, em cerca de três horas de trajeto com destino a Punta Norte.

São quatro tipos de caminhadas guiadas em um cenário surreal. No início do ano, dezenas de milhares dividem preciosos espaços e um lugar ao sol, amontoados na praia de pedras arredondadas. Durante o período de chocar os ovos, as trilhas nos arbustos parecem um campo minado de aves, cada cantinho tem um adulto protegendo o seu precioso ovo.

A estrutura do parque é bem profissional, com guias apaixonados e extremamente instruídos. Aliás, é admirável a consciência de preservação e amor dos argentinos pela terra. “Ter se transformado em patrimônio da Unesco, ajudou a criar esse comprometimento e a seguir projetos industriais que trariam ameaças à região”, lembra Victor Fratto, professor da universidade de turismo e gestor da estância.

Território National Geographic

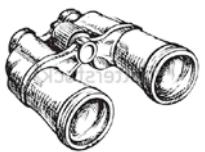
É também em Punta Norte e na vizinha Caleta Valdés, onde ocorre um dos fenômenos mais extraordinários da natureza selvagem. É provável que você já tenha visto um documentário que mostrava uma das caçadas mais espetaculares do reino animal. Pois é, foi filmado aqui, pois só acontece em Valdés. Refiro-me ao *Varamiento* (termo em espanhol), um ato instintivo quase inimaginável, que leva as orcas a capturarem, na beira-mar, filhotes de focas-elefantes e de leões-marinhos.

O raro momento só pode ser registrado no final de março, início de abril, quando os leões-marinhos começam a se arriscar a nadar, e no final de outubro, quando é a vez das jovens focas-elefantes. Nesse período, afortunados turistas precisam estar nos pontos de observação na hora da maré cheia, quando os gigantes golfinhos surgem para tentar um bote certeiro que jogará a presa poucos metros para trás, para que outras orcas possam pegá-la.

Especialistas acreditam que esse comportamento ocorre somente ali, por uma série de fatores que envolvem a geografia da península e pela praia ser de pedras arredondadas, facilitando o deslizamento desses predadores ultrainteligentes. É necessário sorte para presenciar essa singularidade. Fratto conta que uma equipe de reportagem da National Geographic esteve em 2018 por 16 dias de plantão, e não teve sucesso. Há relatos de terem sido vistas até 11 orcas praticando o *varamiento* juntas.

Baixamos um pouco mais ao sul e nos deparamos com outro santuário; é isso mesmo, overdose de vida selvagem. Punta Delgada é celebre por proporcionar contato bem mais intimista com uma numerosa colônia de focas-elefantes. A trilha permite a observação quase que na praia, a cerca de 50 metros. Demos a sorte de encontrar uma enorme fêmea no meio de nossa trilha. Nem a experiente guia Vanessa, da agência argentina Vision, conseguiu entender como o animal, de centenas de quilos, havia conseguido se arrastar até ali. Deu até para uma selfie.

Punta Delgada também é palco de »



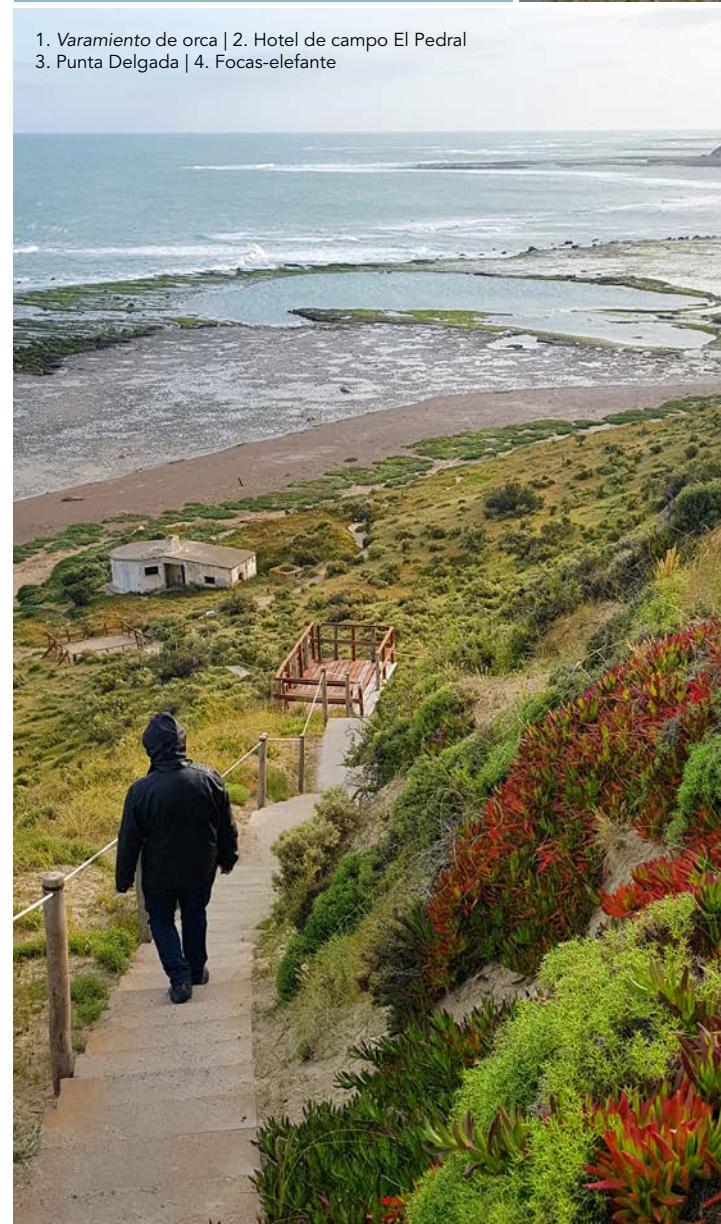
**ALIQUIDIS ADI
OCCUSAERE CON
CONSEQU IDUSAE
SEQUI OCCUS IUNT
OMMOLOREPRO**

QUANDO VER O ANIMAIS

O site oficial de Puerto Piramides e Península Valdés divulga um calendário que mostra a frequência dos seis principais animais na região: baleias, pinguins, lobos/leões-marinhos, elefantes, orcas e golfinhos. puertopiramides.gov.ar

No mês de janeiro, por exemplo, época em que as praias estarão repletas de pinguins-de-magalhães, não há a presença de francas-austral. É possível vê-los na mesma trip, em setembro, outubro e novembro. Aliás, é época agradável, com temperaturas não muito frias. Fique atento também para as estradas, grandes tatus e os guanacos, parentes da Llama, costumam aparecer.

1. Varamiento de orca | 2. Hotel de campo El Pedral
3. Punta Delgada | 4. Focas-elefante





1. Avistamento de baleias | 2. Restaurante La Covacha | 3. Puerto Pirámides | 4. Caiaque pelo santuário de leões-marinhos | 5. Yellow Submarine



um farol histórico, construído em 1905, onde ao lado funciona a estância El Faro, hospedagem singela e familiar, com luz elétrica apenas à noite, mas com ótima comida caseira. A falta de luxo e conforto logo é esquecida pela sensação de privilégio de dormir ao lado de uma colônia de incríveis animais, algo verdadeiramente único.

Baleias ao pé do ouvido

E lá vamos nós para outra sessão de suspiros. Antes, uma pequena parada no Centro de Interpretación Carlos Ameghino, onde há um mirante de orientação e um espaço educativo com esqueletos de baleia e de orca, com explicações sobre toda a biodiversidade de Valdés.

Dessa vez o destino é a simpática microvila de Puerto Pirámides. Sua baía é berçário das baleias franca-austrais. São 3 mil animais catalogados ao longo de 40 anos de estudos, liderados pelo pioneirismo mundial argentino na preservação desses mamíferos. “Em 2018 tivemos recorde em Valdés com 1.307 adultos e 700 filhotes, sendo 13 raros albinos”, comemora com sorriso no rosto a guia Vanessa.

Há duas formas sensacionais de ficar bem próximo das baleias: a tradicional, em um barco rasteiro, desenhado para proporcionar conexão total com o animal (a foto da matéria expressa o que é desafiador descrever), e o tour no yellow submarine, uma embarcação única projetada apenas para esta região – um híbrido de barco e submarino. Permite assistir no nível submerso ao balé de mãe e filha dentro da água, ou ao ar livre, no deck superior. Porém não tão próximo como na opção tradicional.

Se puder, faça os dois. A vibração é imensa. No dia, lágrimas escaparam dos olhos, e, agora, um arrepião maroto incontrolável ao escrever.

Entre um passeio e outro, almoce no La Covacha, de ambiente descolado e com saborosos pratos patagônicos, harmonizados por cervejas regionais.

Molhar-se é preciso

Ao menos era essa a missão para fechar a expedição com chave de ouro. Ok, você já deve imaginar, estamos em

mais um pequeno santuário. Sim, dessa vez, próximo de Madryn, menos meia hora chega-se a Punta Loma, de há uma colônia residente de leões-marinhos. O local é tão famoso que um dos responsáveis por transformar a cidade na capital do mergulho no Japão, com 10 agências, em uma cidade apenas 100 mil habitantes.

É marcante poder interagir (seja tanque ou de snorkel) com os brincalhões bigodudos em seu habitat. Há regras restritas e rígidas que permitem a atividade de forma sensata. Por ironia do destino, em uma região árida que chove apenas 200 mm por ano, no dia anterior havia chovido quase 10% dessa cota. Como consequência, a água escureceu.

Saltamos então para provarmos da outra experiência, a de remar de caiaque entre eles, e observá-los nos rochedos, com seus sons e comportamentos divertidos. Um dos guias locais mostrou uma foto recente, com um macho que havia saltado em cima do caiaque, como se quisesse pegar carona. Eles não são tímidos.

Os mamíferos dividem o cenário com milhares de andorinhas-do-mar que fazem revoadas impressionantes sobre os desbravadores. Se não bastasse essa contagiente energia, eis que o destino novamente mostrou que nada sabemos sobre seus devaneios. Nossa guia avista uma baleia franca-austral com seu bebê, a cerca de 500 metros de nossos caiaques.

Quatro horas antes de nosso voo de volta, lá estávamos a 50 metros de uma das criaturas mais encantadoras do planeta, serena e protegida, amamentando seu filhote. Nas últimas palavras desta matéria, lá vem novamente o arrepião aqui no repórter, seguido de um sincero suspiro e a pura certeza de que vivi dias dourados de minha história.



**ALIQUIDIS ADI
OCCUSAERE CON
CONSEQU IDUSAE
SEQUI OCCUS IUNT
OMMOLOREPRO**

